

## Nem todos fugiam da seca

Luciana Ximenes Barros<sup>1</sup>

Mesmo em se tratando da década de 1950, período de grande seca no Ceará, o que nos deu margem a pensar que nem todos os sujeitos do meio rural, ao partirem para a Capital, estavam fugindo dela apenas. Ela era a gota d'água que motivaria a saída. Por mais que a literatura sobre aquela seca tenha construído em nós um imaginário catastrófico. O poeta Patativa do Assaré no seu poema “Dois Quadros”<sup>2</sup> acompanha, numa certa medida aquilo que Durval Muniz chama de “estética da fome”<sup>3</sup>:

*Na seca inclemente do nosso Nordeste,  
O sol é mais quente e o céu mais azul  
E o povo se achando sem pão e sem veste,  
Viaja à procura das terra do sul.*

*De nuvem no espaço, não há farrapo,  
Se acaba a esperança da gente roceira,  
Na mesma lagoa da festa do sapo,  
Agita-se o vento levantando a poeira.*

*A grama no campo não nasce, não cresce:  
Outrora este campo tão verde e tão rico,  
Agora é tão quente que até nos parece  
Um forno queimando madeira de angico.*

(...)

*O dia desponta mostrando-se ingrato,  
Um manto de cinza por cima da serra  
E o sol no Nordeste nos mostra o retrato  
De um bolo de sangue nascente*

---

<sup>1</sup> Curso de Pós-Graduação em História e Culturas - MAHIS . Universidade Estadual do Ceará- UECE. Título de Mestre em História.

<sup>2</sup> A poesia foi publicada em: ASSARÉ, Patativa. Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino. 9ª edição, Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1999, p. 55.

<sup>3</sup> Estética onde o Nordeste seria apresentado no “cinema novo” como “uma realidade marcada pela ausência de musicalidade, de sons, de linguagem; seria um espaço de desolamento, da tristeza, do lamento expresso no ranger monocórdio de uma roda de carro de boi, como no filme *Vidas Secas*. Um mundo em preto e branco, de luz crua causticante, quase amorfo; um antiespetáculo do patrimônio cultural da miséria, do aboio triste e repetitivo, entorpecido ao som de uma incelência, ou, pelo contrário, o Nordeste verborrágico, barroco, grandeloquente, de Glauber Rocha”. (...). Ver: ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. Recife, PE: FJN, Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 1999, p. 271-280.

Esse é o olhar que marca nossa imaginação de maneira geral. Não que a imaginação esteja deslocada da realidade. No entanto, é possível pensar a seca por outro ângulo e, assim também, pensar a Capital. A seca que induz a mudança, ao deslocamento, e a cidade como algo que fascina, como última esperança de realização individual. A cidade era o “eldorado” no imaginário dos migrantes.

Este processo migratório deveu-se primordialmente às constantes secas que atingiram o Ceará como mostra-nos o jornal Gazeta de Notícias em 17 de outubro de 1953, com a matéria intitulada: A Saarização do Nordeste. Em carta enviada a redação do jornal, o agrônomo Esmerino Parente, diretor da Escola de Iniciação Agrícola de Pacatuba- Ce, descreveu a situação como emergencial:

*Nos três anos de estiada, as chuvas não foram suficientes para encher os açudes e restaurar as reservas do subsolo. Na faixa litorânea, em regra muito abundante de água freática, as águas se aprofundaram sensivelmente, secando talvez centenas de poços profundos. Muitos sítios dos municípios de Fortaleza, Caucaia, Cascavel, Pacajús, Acarape, Aracoiaba, Baturité e outros, todos da zona subúmida, estão em dificuldades de água.*<sup>4</sup>

Na carta o agrônomo alertou que muitos sítios da região serrana de Baturité sofreram pela falta de água, o que intensifica, segundo ele, a situação alarmante.

Quando pensamos em seca automaticamente imaginamos os flagelados. Porém, a experiência de migração da família Guerreiro ajudou-nos a perceber esse percurso – cidade do interior para a Capital – noutra perspectiva. Onde observamos que alguns sujeitos desejavam simplesmente conhecer “a tão falada capital”. O foco de análise para compreender como ocorreu essa migração foi observado através das narrativas de um jovem trabalhador rural de nome Raimundo Guerreiro.

O jovem Guerreiro em suas viagens imaginárias e reais desejou ancorar seus sonhos na “cidade das praias”, assim intitulava a cidade de Fortaleza. O transeunte de terras alheias é antes de tudo um aventureiro, que na expectativa do “novo” e do porvir deixa pulsar sentimentos que levam seu corpo a vagar e observar o mundo em que vive. Com ou sem destino, o viajante carrega consigo além de malas, desejos e sonhos.

Para nos nortearemos pelo percurso de viagem realizado por Raimundo Guerreiro e sua família em 1953. Utilizaremos como ilustração, o *Roteiro Rodoviário*

---

<sup>4</sup> Fortaleza, GAZETA DE NOTÍCIAS, 17 de outubro, 1953

do Ceará do D.A.E.R.<sup>5</sup> - que foi organizado na 5ª. Secção da Divisão Técnica do D.A.E.R, pelo engenheiro José Bastos Macambira, na gestão do engenheiro e diretor geral, Roberto Vieira Nepomuceno, durante a administração do Governador do Estado do Ceará, Raul Barbosa<sup>6</sup>, eleito pelo PSD nas eleições de 1950. O Roteiro foi divulgado em setembro de 1953.

Pelas coordenadas do Roteiro partimos de Pacoti, na “Zona de Baturité”, onde segundo os dados populacionais do censo do IBGE de 1950, correspondia a: “Zona de Baturité- 183.000; Aracoiaba- 24.258; Baturité- 37.927; Maranguape- 41.585; Pacatuba- 19.990; Pacoti-30.373 e Redenção com - 28.867”<sup>7</sup> habitantes. Os dados do IBGE ganham uma paisagem com as informações do Roteiro, o mesmo referiu-se a Pacoti como sendo uma

*cidade localizada na serra de Baturité, à margem do Rio Pacoti, a uma altitude de 700 metros é a sede no município do mesmo nome. Seu aspecto é tipicamente serrano, de topografia irregular e clima bastante ameno. Suas ruas e praças são calçadas parcialmente e iluminadas à luz elétrica. Prédios residências embelezam as suas artérias principais. Estão situados no município inúmeros sítios produtores do afamado Café Baturité, que constitui a principal base de sua economia. Além do café, produz ainda muita cana de açúcar – matéria prima para o fabrico de rapaduras e aguardente. E também um grande centro produtor de frutas cujo consumo é feito pela Capital. A população do Município é de 30.689 habitantes.*<sup>8</sup>

O Roteiro tentou passar uma idéia de urbanização e ordenamento do espaço geográfico de Pacoti. A economia local era basicamente da produção de cana de açúcar, café e frutas, que eram responsáveis pela renda da maioria dos trabalhadores rurais. Mesmo Pacoti sendo descrita desta forma, a cidade de maior destaque na “Zona de

---

<sup>5</sup> Sua denominação anterior (27 de dezembro de 1945 – Lei Joppert), era Departamento de Estradas de Rodagem do Ceará - D.E.R. Depois, 2002, passou a se chamar DNIT (Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes).

<sup>6</sup> Segundo Parente: “Raul Barbosa, o governador eleito, era um tecnocrata e professor da Faculdade de Direito do Ceará e não uma pessoa ligada ao meio rural como sugere a literatura sobre o coronelismo no Nordeste. Ele inclusive, nasceu em Fortaleza, a capital do Estado. ”

VER: PARENTE, Francisco Josênio C. In Uma nova História do Ceará. Org. SOUZA, Simone. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p.390.

<sup>7</sup> IBGE – Conselho Nacional de Estatística. Serviço Nacional de Recenseamento. Série Regional. Dados sobre a população presente da Zona de Baturité. Censo realizado em 1 de julho. Estado do Ceará:1950, v. XIV, t.1, p.65

<sup>8</sup>Roteiro Rodoviário do Ceará, 1953, D.A.E.R.,Ceará, setembro de 1953, p. 78.

Baturité” era Baturité, por ser uma área de produção agrícola e possuir um centro comercial que atraía comerciantes de municípios vizinhos.

Mesmo a região de Baturité sendo grande produtora de café e cana-de-açúcar, não podemos esquecer que o Ceará da década de 1950, como nos referimos acima, foi marcado pelas constantes secas que ocorreram tornando-se alarmante a situação do Estado para o resto do país. Cabendo ao poder público solucionar os problemas, e como medida emergencial iniciaram a construção de algumas obras públicas, como barragens, açudes e estradas. Propondo-se trazer “benefício” ao trabalhador rural à medida que ofereciam trabalho aqueles que tentavam refugiar-se em Fortaleza.

Com o início das obras acreditava-se que era possível manter muitos homens ocupados nas construções evitando com isso a migração de famílias para capital ou outros estados. Mas, como explicar a permanência ou a migração de muitos sujeitos do meio rural para Fortaleza, outras cidades e regiões?

Raimundo Guerreiro emergiu nesse contexto sobre a seca não para relatar suas lembranças sobre o assunto, mas para narrar sua viagem a capital. A decisão de ir com a família para Fortaleza em 1953, não teve nenhuma relação direta com a seca, pelo contrário, ao falar sobre a serra de Baturité afirma que a vegetação e o clima eram favoráveis aos moradores: “tanto que atraiu muita gente que vinha fugida da seca.”

Não estamos com isso negando o que a imprensa local denunciava, sabemos que as contínuas secas na década de cinquenta foram catastróficas, também não eliminamos a existência dos grupos de flagelados que migraram fugindo da seca. Se assim fizéssemos estaríamos cometendo um erro irreparável para a História e vida daqueles que sofreram ou morreram de fome e sede neste período.

Em contrapartida as memórias sobre esse período foram divergentes e a escolha da família Guerreiro nos leva a crer que quando os sujeitos são observados individualmente e não somente pelo ponto de vista das massas, ganhamos com a riqueza de detalhes das narrativas, que alguns jornais ou dados de Instituições não foram capazes de revelar.

Chegado o dia da viagem da família Guerreiro, de Pacoti a Fortaleza, cuja data já se aproximava dos últimos meses do ano de 1953. Guerreiro, a mãe e o irmão mais jovem, Romeu, seguiram rumo à capital levando na bagagem poucos pertences e pouco dinheiro. Viajaram num transporte simples e mais barato, que era

*tipo num pau-de-arara. A viagem foi bastante complicada. O caminhão naquela época era aquela cabine de madeira ainda e tinha na parte de trás da carroceria onde eles arrumavam as frutas: banana, laranja, chuchu, as frutas que traziam da serra, né. Por cima disso aí a gente vinha. Nessa vez que vim com ela, agente veio em cima numa carrada dessas.(...) Não me lembro quanto a gente pagava, ela que negociava com o dono do carro, quem pagava era ela.<sup>9</sup>*

A precariedade do transporte que levava frutas e verduras à capital, não suprimiu o desejo do garoto de conhecer a “cidade das praias”. Fariam o percurso: Pacoti, Palmácia, Umarizeira, Ladeira Grande, Tabatinga, Urucará, Maranguape, Canindezinho, Siqueira, Parangaba, até chegar em Fortaleza. Segundo o Roteiro Rodoviário do Ceará de 1953, havia duas possibilidades para se chegar à capital:

*A viagem de Fortaleza à Pacoti é feita de Ladeira Grande pela CE. 2 (Fortaleza-Campos Sales). De Ladeira Grande até Pacoti pela CE.10, ambas administradas pelo D.A.E.R. Neste itinerário, percorre-se o trecho concretado entre Fortaleza e Parangaba. Desta última cidade até Maranguape percorre-se o trecho á paralelepípedo construído e administrado pelo D.A.E.R. Esta viagem também pode ser feita via baturité numa distância, de 96kms. De Baturité segue-se para Pacoti pela CE. 54, passando-se em Guaramiranga. Esta viagem ainda pode ser feita por via ferroviária até Baturité numa distância de 102,970km, prosseguindo-se a viagem pela CE 54.<sup>10</sup>*

O outro percurso seria por Baturité, que naquele momento apresentava vários problemas, mas, o D.A.E.R., órgão competente, parecia buscar uma solução. Era o que garantia os projetos do diretor e engenheiro, Roberto Nepomuceno, de melhoria da estrada Fortaleza – Baturité. Como mostra o jornal Gazeta de Notícias de 29 de novembro de 1953, na matéria intitulada: “O D.A.E.R. tem feito muito para resolver o problema rodoviário do Ceará”:

*Vultuoso número de obras em execução, numa eloqüente prova de efetividade (...) Resta salientar o que se fez na estrada Fortaleza-Baturité (Ce-1) Até agora a construção atingiu Acarape, levando novas esperanças às populações daquela zona, que se vinha ressentindo da falta de uma bôa rodovia que a ligasse à capital. Não é uma estrada qualquer; trata-se de uma rodovia de primeira classe, com 7 metros de largura e com varias e custosas obras d'arte. No próximo ano talvez a cidade de Baturité seja alcançada por essa nova via de comunicação.<sup>11</sup>*

---

<sup>9</sup> Entrevista com Raimundo Guerreiro. Fortaleza-Ce. Novembro de 2007

<sup>10</sup> Roteiro Rodoviário do Ceará de 1953. D.A.E.R., Ceará, setembro de 1953 p.78

<sup>11</sup> Fortaleza, Gazeta de Notícias, 29 de novembro, 1953. p. 5

O desejo de melhoria da população de uma “bôa rodovia” parecia enfim ser atendido. Além de facilitar a locomoção à capital, a estrada, segundo os dirigentes do D.A.E.R. apresentava-se como símbolo de progresso. De acordo com os dirigentes “não têm faltado a necessária dedicação, aliada a uma elevada capacitação técnica e a uma inteligência vigorosa. Graças a isso, vai o DAER abrindo os caminhos do progresso, através de todo o Ceará.”<sup>12</sup> A pessoa do engenheiro Roberto Nepomuceno destacava-se na matéria do jornal, por ter sido ele o diretor geral do D.A.E.R. Aparecendo, desta forma, como o responsável pelos “caminhos do progresso em todo o Ceará”. Se o progresso no rural era percebido simbolicamente através da construção da estrada, então estaria Raimundo Guerreiro no sentido contrário ao “progresso”?

De dentro de um pau-de-arara e seguindo na “contra-mão” desse possível progresso ele deixava para trás a pequena Pacoti: “sinceramente me deu até medo quando vi aquela arrumação. Aquele carro descendo com dificuldade, subindo com dificuldade a serra. Meu Deus do céu como é que pode?! A gente aqui em cima e esse carro nesse abismo danado.”<sup>13</sup> Para o jovem tudo era novidade! Segundo ele, foi “a primeira viagem que eu fiz pra cá, foi aí que me despertou toda curiosidade e eu vim achar mais bonito quando se aproximou de Maraguape, um terreno mais plano, aquela baixa.”<sup>14</sup> Ao chegar no bairro Parangaba, final da linha dos ônibus e outros transportes que vinham da serra, ele, a mãe e o irmão desceram do pau-de-arara e entraram num ônibus a caminho da casa da Zezumira.

Quando saltou na “cidade das praias” ficou deslumbrado quando viu o “movimento dos carros, aquelas casas que eu nunca tinha visto na serra, aqueles palacetes que não via em Pacoti. Achei a cidade tão bonita! Eu digo: aqui é mais fácil arranjar um emprego melhor. É aqui que eu quero ficar!”<sup>15</sup> Ainda alucinado com a nova paisagem o garoto recém chegado a capital encantou-se pela urbanidade.

No mesmo ano que ele chegava a Fortaleza, o Roteiro Rodoviário do Ceará em suas primeiras páginas, apresentava a capital da seguinte forma:

---

<sup>12</sup> Fortaleza, Gazeta de Notícias, 29 de novembro, 1953. p. 5

<sup>13</sup> Raimundo Guerreiro, Fortaleza-Ce, 2004

<sup>14</sup> Raimundo Guerreiro, Fortaleza-Ce. 2004

<sup>15</sup> Raimundo Guerreiro, Fortaleza-CE, 04/01/2004

*Fortaleza, Capital do Estado do Ceará, com uma população de 280,101 habitantes, é uma bela e florescente cidade(...). Cidade dotada de todo conforto moderno, é iluminada a luz elétrica, possui serviço de águas e esgoto e de telefones automáticos. As suas ruas, traçadas caprichosamente, numa regularidade de xadrez, oferece uma aspecto maravilhoso, mormente quando vista de avião. Sob o ponto de vista urbanístico, bem poucas cidades do Brasil, podem suplantá-la. Inúmeras praças arborizadas com fino gosto, contribuem para o embelezamento desta cidade. O progresso de Fortaleza é, por assim dizer, vertiginoso, o seu parque predial aumenta, dia a dia, e nas construções que surgem, nos recantos mais diversos desta 'urbs', nota-se o gosto cada vez mais apurado dos seus laboriosos habitantes. De todos os logradouros desta cidade, um se sobressai pelo seu intenso movimento: é a PRAÇA DO FERREIRA, o coração da cidade. Localizadas nessa praça, testemunha de tantos acontecimentos históricos e políticos, se encontram grandes casas de modas, bars, cafés, farmácias e cinemas. Desse centro se irradiam inúmeras linhas de ônibus que servem aos distantes bairros da Capital. Sob o ponto de vista cultural é um centro adiantadíssimo. (...) preferindo-se, porém que o viajante, descubra com os seus próprios olhos, afeitos aos centros mais adiantados, as maravilhas, e os pontos pitorescos da Capital Cearense.*<sup>16</sup>

O texto extenso e sedutor trazia em seu cunho uma fantástica e exemplar cidade, que dispunha de uma estrutura diferente de todos os outros municípios até então apresentados no Roteiro. Fortaleza destacava-se e diferenciava-se do restante do Ceará, por ser “adiantadíssima”. A presença de iluminação pública, saneamento, ruas traçadas obedecendo a uma regularidade em xadrez, hospitais, escolas e o centro comercial com casas de moda, bares, cafés, farmácias, cinemas, todos esses elementos urbanísticos, segundo o D.A.E.R., davam a cidade uma idéia de “progresso e modernidade”, em relação ao restante das cidades do Ceará.

Da forma que Fortaleza foi descrita pelo roteiro, parecia tratar-se de um lugar perfeito, sem pobres e sem problemas de ordem social e econômica. A cidade ideal do Roteiro Rodoviário colocou para debaixo do tapete a cidade real, com os problemas que estavam sobre as ruas e avenidas e repercutiam nos serviços de transportes coletivo. É o que mostra o jornal O POVO do dia 5 de janeiro de 1954:

*A cidade amanheceu com apenas 90 carros circulando – Caminhões fazem o transporte coletivo- Prejudicando o elemento feminino- Prosseguem os entendimentos*

*Ainda continua sem solução o impasse surgido com as empresas de transporte coletivo da cidade. Ontem à tarde, populares exaltados depredaram alguns ônibus, resultando em ferimentos leves de diversos passageiros. Dez caminhões da 10ª Região Militar, nove da Prefeitura e outros de particulares foram postos à disposição do público, para amenizar os efeitos da greve deflagrada nesta capital. O elemento feminino tem sido o mais prejudicado, pelos inconvenientes de viajar na carroceria dos caminhões, sobretudo se estes trafegam super lotados(...).*<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Roteiro Rodoviário do Ceará de 1953, P.5

<sup>17</sup> Fortaleza, Jornal O Povo. Fortaleza, 5 de janeiro, 1954. p.8

A greve dos motoristas causou verdadeiro tumulto na cidade e mesmo que os militares e a Prefeitura tivessem disponibilizado transportes, isso não agradou aos usuários. Este caso não era um caso isolado os problemas com os serviços de transportes urbanos era algo antigo na cidade, “ainda em 1948, a Prefeitura de Fortaleza determinou a retirada dos trilhos de bondes das ruas.”<sup>18</sup> Anos mais tarde como vimos na matéria do jornal O Povo os ônibus que substituíram os bondes não conseguiram atender de forma satisfatória aos cearenses, seja pelas más condições ou pelo aumento do preço das passagens considerados abusivos, o que conseqüentemente ocasionava quebra-quebra aos transportes como forma de mostrar aos empresários a insatisfação dos usuários.

A “cidade das praias” estava diante dos olhos de Guerreiro e o desejo do “novo” estava ali materializado na estrutura da *urbes*, que o alucinava pelo fluxo de pessoas, o traçado das ruas, os prédios, as praças, os comércios, os postes e os carros expelindo fumaça. Aspirando os ares da “moderna” capital, ele tinha a ilusão de estar possuindo-a.

No entanto, a cidade era paradoxal, fruto do nosso desenvolvimento desigual. Por um lado, ela gozava de um nível relativamente alto de desenvolvimento urbano e otimismo que repercutiu das décadas de 1950 até 1970. Não só o consumo estava mais nítido nas lojas, como havia um desejo de se assimilar padrões de comportamentos dos países desenvolvidos, sobretudo no que se refere a moda que se misturavam e apontavam os produtos que determinavam o lugar dos indivíduos na sociedade: automóveis, eletrodomésticos, rádio etc. O rádio inclusive se massificou ao longo da década de 1950 e o consumo de carne enlatada se popularizou, como mostra O Povo de 1951:

*JÁ HÁ CARNE À VONTADE! Viandada é a carne mais fresca que você pode comprar, porque é PREPARADA E HERMETICAMENTE ENLATADA À VÁCUO, SOB INSPEÇÃO DO Governo Federal. O fechamento à vácuo não permite contato com o ar, conservando, assim, todo frescor original da car!*<sup>19</sup>

Fortaleza, para além do pitoresco, em 1970 já era sem sombra de dúvidas, a metrópole regional. A capital do Ceará exercia influência sobre 52 centros urbanos e seu crescimento populacional tem sido sempre superior ao crescimento do Estado. Segundo

---

<sup>18</sup> JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza. São Paulo: Annablume, 2003, P.99

<sup>19</sup> Fortaleza, Jornal O Povo. 29 out., 1951, p. 5.



o anuário Estatístico do Brasil<sup>20</sup>, em 1950 a população do Ceará era de 2.695.450 habitantes, enquanto Fortaleza contava com 270.169 indivíduos, significando, respectivamente, um aumento de 28,9% e 49,9%. Em 1970, o Ceará saltou para 4.491.590 habitantes, enquanto Fortaleza viu sua população aumentar para 857.980, significando, respectivamente, um crescimento populacional na ordem de 34,5% e 66,6%. Esse crescimento populacional já havia exigido, em 1947, a elaboração de um “Plano Diretor de Remodelação e Extensão de Fortaleza”, o apelidado “Plano Saboya Ribeiro”, que previa duas avenidas radiais: a Avenida Beira-Mar e a Avenida Leste Oeste. Não atendeu a dinâmica do crescimento da cidade. Então, em 1962, uma equipe liderada pelo urbanista Hélio Modesto, elaborou o “Plano Diretor de Fortaleza” na gestão do prefeito Coronel Manuel Cordeiro Neto.

A urgência desse projeto foi decorrente das secas de 1951, da de 1958 e da enchente de 1959, quando Fortaleza experimentou uma forte pressão migratória. No “Plano” estava previsto mudanças dos transportes rodoviários, nos transporte marítimos, nos equipamento básicos de água, de eletricidade, de esgoto, de lixo; nos equipamentos de caráter social, cultural, de saúde recreativo e, até mesmo, religioso.<sup>21</sup>

Por outro lado, essa preocupação com a organização do espaço tem a ver, também, com a proliferação da segunda geração de favelas, depois das secas e da enchente da década de 1950, que fez surgir a favela da Estrada de Ferro (1954), do Meireles (1950), do Lagamar (1953) e do Papoquinho (1950).<sup>22</sup>

Nessa cidade paradoxal e cheia de contrastes, jovem viajante optou por arriscar-se nessa descoberta. O desejo de ser um “novo homem” moveu seus sonhos que foram projetados na transição de espaços, do rural ao urbano. Mas, para ser um novo homem foi preciso adquirir uma outra forma de vida que lhe possibilitasse um rompimento com o velho, o passado rural; para posteriormente lançar-se ao modo de vida moderno, que para ele estava na capital.

---

<sup>20</sup> Dados para o Ceará de 1890 a 1970 – Sinopse preliminar do 8º Recenseamento Geral – Ceará e Anuário Estatístico do Brasil, 1976. Dados para Fortaleza, período 1890 a 1970 – Sinopse Preliminar do 8º Recenseamento Geral. In: SOUZA, Simone. Uma Nova História do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, PP 213-236.

<sup>21</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. Plano Diretor da Fortaleza. Fortaleza: 1969.

<sup>22</sup> GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. As migrações para Fortaleza. Fortaleza: 1967, p. 54.

Deslocar-se do rural ao urbano, consistiu numa viagem repleta de desejos e surpresas para Raimundo Guerreiro. O motivo de sua migração para capital cearense não se deveu à fuga da seca, como fizeram tantos flagelados. Havia de fato uma fascinação. Essa fascinação pela cidade não atingia somente Guerreiro. Fortaleza recebia diariamente um contingente de sujeitos que saíam do interior para capital causando, entre os anos de 1940 e 1950, um aumento repentino da população de Fortaleza, que “atingiu o percentual de 62,9% e ampliou-se para 98,0% de 1950 e 1960, constituindo a maior taxa de crescimento das Capitais do Nordeste(...)”.<sup>23</sup> Os dados nos levam a crer que a capital atraiu muitos sujeitos e a medida que a cidade crescia de forma desordenada, os problemas de moradia tornavam-se visíveis. Os bairros passaram a ser ocupados por casebres, tão indesejados quanto os sujeitos que neles habitavam.

A família Guerreiro não ficou em casebres ou casa de apoio, pois hospedaram-se na “casinha humilde” de Zezumira que ficava na rua Francisca Clotilde, sem número, no bairro Porangabussu, onde morava com o esposo, Rodrigues Barros, um trabalhador fabril e os filhos.

Embora Guerreiro encontrasse Fortaleza com sérios problemas públicos em nenhum momento pensou em desistir de morar na “cidade das praias”. Seus horizontes ainda eram estreitos e, movido pelo sentimento de descoberta, o jovem, guardado em seu anonimato, passou a caminhar pelas ruas de Fortaleza. Dessas caminhadas ele faz o seguinte comentário:

*Eu não tinha tirado nem documento ainda. Comecei já a andar pelo centro da cidade. Andava só, andava á pé. Cada vez eu ficava mais encantado lembro onde é esse Passeio Público, eu vim de pé do Porangabussu praí. Eu não era nem registrado. Não tinha nada de construção, só tinha um matão bonito. Passava pelo centro aquelas lojas bonitas, Me encantei pela Fortaleza, não teve mais jeito deu voltar.<sup>24</sup>*

Em seu anonimato, com um rosto ainda sem nome registrado em cartório, era apenas um jovem migrante faminto pelo novo, disposto a observar o mundo. A cidade parecia um labirinto, com ruas e rostos desconhecidos. A “multidão” vista pelos olhos de Guerreiro era algo nunca visto na pequena Pacoti. “Assombrado” com aquela “ruma

---

<sup>23</sup> JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza. São Paulo: Annablume, 2003.p.

<sup>24</sup> Raimundo Guerreiro, Fortaleza-CE. Entrevista coletiva realizada no dia 29/07/2009.

de gente” o garoto caminhava em direção ao mar. As praias mais próximas ao bairro Porangabussu, onde estava residindo, se situavam entre o Pirambú, Jacarecanga, Praia de Iracema e Mucuripe.

A “cidade das praias” que Guerreiro tanto buscava não parecia ser tão bela nas páginas do jornal O Povo. Havia um paradoxo entre o que o garoto idealizava com o real. Segundo um operário residente no bairro Pirambú, que conversava com um amigo à porta da redação do jornal O Povo no dia 7 de janeiro de 1954, cujo assunto era o estrago que o mar causou à praia:

*Se no meu bairro morassem em vez de gente pobre, milionários ou grãfinos como na Aldeota, a grita contra a falta de providências do Governo seria das maiores do mundo. E alguma cousa se faria, como aliás foi feito na praia de Iracema. A desgraça é que, na minha zona, só existem casebres, palhoças, habitações miseráveis.*<sup>25</sup>

A redação do jornal interpretou a inquietação do operário como sendo:

*A mentalidade de hoje, infelizmente, é a de não se dar cabimento a palavras que tais, levando-as à conta de despeito, de demagogia barata, de impertinência comunista. No entanto, elas revelam uma grande verdade, uma dolorosa afirmação. Pensando-se bem, o casebre merece, nos lugares distantes onde geralmente se enquista, como ninho de pássaro assustado pelo homem e pela civilização, respeito maior do que o devido ao bangalô, á edificação domiciliar de primeira classe. Só o governo federal estaria em condições de iniciar e levar á frente o referido envocamento. E está muito longe de compreender a situação dos pobrezinhos de Pirambú. Só se o acozassem por todos os lados, o perseguissem com ardor. Mais isso é que não acontece. A inércia é que reina.*<sup>26</sup>

O porquê desta falta de atenção com os pobres seria uma pergunta pertinente. Um “tecto para o pobre é tudo na vida. Os seus pertences, abrigados debaixo de um telhado qualquer, representam um patrimônio, o resultado de uma amealhação heróica.”<sup>27</sup> O redator, não identificado, parecia deixar fluir no texto questionamentos de feição anti-comunista, preocupando-se com os pobres e suas moradias, que há vários anos a fúria do mar vinha invadindo a praia e com isso destruindo os casebres.

---

<sup>25</sup> Fortaleza, Jornal O Povo, 7 de janeiro, 1954. p.3

<sup>26</sup> Fortaleza, O Povo, 7 de janeiro de 1954. p.3

<sup>27</sup> Fortaleza, O Povo, 7 de janeiro de 1954. p.3

Recém chegado à capital, Raimundo Guerreiro ainda não conseguia compreender as dificuldades que os pobres vivenciavam no urbano. Ele só conseguia ver beleza:

*Fortaleza pra mim era aquele encanto! Eu me lembro que ia da praia do Jacarecanga, daquela igreja até o Mercado Central que era aquele galpão enorme onde tinha uma variedade enorme de lojinha, casa de merenda. Mas, os prédios eram bonitos, porque a burguesia nessa época morava no Centro da cidade, não era esses edifícios enormes não. A maioria desses prédios era pra ali na Imperador, Tristão Gonçalves.<sup>28</sup>*

Portanto, Guerreiro acreditava participar de uma cidade progressista, cuja concepção estética estava relacionada aos espaços, aos símbolos materializado pelos prédios, luzes, monumentos e ornamentações urbanas. Mesmo consumindo visualmente a *urbes*, ele projetava nela seus sonhos e desejos. O encantamento aflorava dessa observação e fazia com que ele se decidisse, cada vez mais, pela a capital como novo lugar de moradia.

Durante dias ocupava-se em caminhar do bairro Porangabussú ao Centro de Fortaleza. Da paixão pela capital, veio a decisão de pedir sua mãe para morar definitivamente com a irmã Zezumira e tentar outra experiência de vida, pois acreditava que teria mais oportunidade para estudar e trabalhar na sua nova cidade. Mas, a decisão de escolha não cabia ao jovem, e sim a família. A vida de Raimundo Guerreiro estava nas mãos de sua mãe, Zezumira e Rodrigues Barros. Este último, de alguma forma, parecia exercer o papel de pai, figura masculina que fosse responsável e colaborador nas possibilidades na construção de seu futuro. Ou seja, um ofício. A família operária diferente da família burguesa não tinha bens para deixar aos seus filhos. Portanto, a garantia de sobrevivência era deixar para os seus um ofício, uma profissão.

Raimundo Guerreiro que tinha em Pacoti a experiência com o trabalho rural, passou a vivenciar outras experiências na cidade, tais como novas sociabilidades e a busca de um trabalho na fábrica de tecidos Santa Cecília, onde Rodrigues trabalhava. Eis que o migrante passa a vivenciar e sonhar com uma nova vida na “cidade das praias”.

---

<sup>28</sup> Raimundo Guerreiro Entrevista coletiva realizada no dia 29/07/2009. A convite de Thaís Pereira Monteiro, uma das idealizadoras do projeto Narrativas em volta do Fogo do grupo Mediações dos Saberes, que ocorre mensalmente na praça Verde do Centro Cultural Dragão do Mar em Fortaleza. O interesse do projeto é dialogar com personagens que narram suas experiências de vida relacionadas a memória da cidade.